

**ARTE, LITERATURA E
POLÍTICA**

Warley Matias de Souza

**ARTE, LITERATURA E
POLÍTICA**



Souza, Warley Matias de, 1974-
Arte, literatura e política / Warley Matias de Souza. –
1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2021.
81 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-00-16563-0

1. Ensaaios brasileiros. I. Título.

CDD-B869.4

ARTE, LITERATURA E POLÍTICA
Copyright © 2021 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer
processo, sem autorização por escrito do autor.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

SUMÁRIO

Arte e literatura, **07**.

A “leveza” calviniana em diálogo com o *Manifesto futurista*, **34**.

Barulhos: a ironia metalinguística na poesia gullariana, **49**.

A Madonna de Lemebel, **61**.

Notas, **66**.

ARTE E LITERATURA

Literatura é arte

O que é arte? Não, não pretendemos responder a uma pergunta tão complexa e que, até hoje, não obteve resposta definitiva. Então, o que é literatura? Já para essa pergunta temos uma resposta. Literatura é arte. Assim, a resposta à segunda pergunta remete-nos à primeira, e o enigma permanece. Em torno desse enigma, filósofos, artistas e teóricos construíram e desconstruíram teses. Dessa grande especulação, surgiram vários livros, e o conhecimento em torno do assunto, cada vez mais, está sendo ampliado.

Arte e academia

Sabemos que o conceito de “tradição” está associado ao conservadorismo, afinal a tradição tem a função de proteger os seus eleitos e evitar que qualquer outro candidato menos digno seja aceito e eternizado. A arte e a academia vivem nesse embate secular. Pois esta tenta aprisionar, com teorias e definições aquela, que, por sua própria natureza, rejeita os limites conceituais e a própria ideia de tradição, já que está acima de questões puramente mundanas, pois quer-se livre e autônoma. Além disso, a arte precisa coexistir com mentes funcionalistas incapazes de perceber o valor da não utilidade. A defesa de uma arte alienada, portanto, só poderia ser pro-

ductiva em uma sociedade não alienada. No entanto, a alienação humana é histórica e intensificou-se ainda mais com o advento da indústria cultural, o que explicaria a preferência atual por uma arte funcionalista ou mesmo sensorial.

Segundo Pound¹, a “grande literatura é simplesmente linguagem carregada de sentido, no mais alto grau possível”. Se associamos a linguagem à Forma, quanto mais plurissignificação da linguagem, maior seria a literariedade, esteticidade, da obra. Mas, além de definir a literatura, Pound reflete sobre a formação do crítico e sugere que há determinados livros que este precisa ler obrigatoriamente para “formar uma opinião correta de qualquer texto literário que lhe possa surgir à frente”². Assim, ele defende uma formação, na verdade, prática e pouco embasada em teoria. E decide listar a leitura obrigatória que, segundo sua concepção, formaria um bom crítico literário. Sua lista é formada por autores que, de acordo com Pound, exemplificariam a boa literatura.

A ideia de que a leitura dos livros “certos” daria ao crítico a capacidade necessária para a análise literária, parece-nos pouco científica. O seu cânone então seria composto por aqueles que Pound, em sua subjetividade crítica, considera que melhor “carregam” de significado a linguagem, o que é impossível de se medir objetivamente, a não ser a partir de pesquisas linguísticas empíricas.

Em sua arrogância crítica, Pound³ permite-se criticar os críticos. Ação salutar e necessária para estimular a renovação. Ele sugere que todos os críticos que usem termos vagos

devem ser lançados fora, pois, segundo ele, esse tipo de crítico ou é ignorante ou quer ocultar o significado de tais termos. Parece-nos evidente que Pound peca na falta de imparcialidade; mas deve ser respeitado por criticar a crítica. Para ele, o crítico deve dizer, determinar que obra é boa ou não, de modo a haver obras de leitura obrigatória na formação de um leitor. Sua falta de critério científico, no entanto, invalida sua proposta.

A mimese aristoteliana

Para Aristóteles⁴, o que igualaria aquilo que hoje chamamos de “gêneros literários” e suas variantes é que todos realizam a imitação. E o que os diferenciaria seriam os meios, objetos ou a maneira empregados na arte de imitar. De algum modo, mesmo que o filósofo estivesse defendendo uma arte naturalista⁵, podemos perceber nessa ideia certo elemento formalista em potencial quando ele menciona os meios, objetos ou maneiras de imitar, o que daria a cada um desses gêneros características próprias. Os poetas então tinham a tarefa de imitar pessoas ou objetos tais como eram na realidade, piorados ou melhorados⁶, o que aponta já o caráter ficcional da arte, atrelada a um cunho moralista, que acentua o dualismo vício *versus* virtude. Nessa concepção, cabe, portanto, à tragédia a função de imitar os seres superiores, enquanto à comédia, a imitação dos inferiores⁷. Daí surgiria um prazer estético natural, pois, segundo Aristóte-

les⁸, o ato de imitar é natural ao ser humano desde sua infância, pois, a partir dele, a humanidade adquire os primeiros conhecimentos, além de que todos, segundo o filósofo, têm prazer em imitar. Conseqüentemente, esse prazer estaria vinculado tanto ao produtor quanto ao receptor, ambos semi-conscientes do ato mimético, uma vez que identificam o real na forma da imitação; esta, elemento naturalizado em suas existências.

No entanto, o prazer de contemplar a imitação, advindo de nossa própria característica de imitadores natos, não está relacionado, necessariamente, ao que é agradável, mas também ao que é feio, pois o prazer não seria provocado pelo tipo de realidade mimetizada, mas pela percepção de seu caráter fidedigno de cópia da realidade aparente. Assim, haveria prazer na contemplação das “formas dos bichos mais desprezíveis e dos cadáveres”⁹. Temos aí, portanto, o indício de que o Belo, na concepção naturalista de arte, é aquilo que mais se aproxima da realidade. A obra bela seria então aquela que mais perfeitamente imita o real aparente.

Nessa perspectiva, Aristóteles associa a qualidade da poesia¹⁰ à qualidade do autor. Assim, autores sérios representavam as ações elevadas e as de pessoas nobres; já os vulgares, as baixas.¹¹ Isso porque a visão de arte estava associada a ações moralizantes: educar o cidadão por meio das ações imitadas, pois, para Aristóteles, a fábula¹² e as ações são a finalidade da tragédia, e, para ele, “a finalidade é o que mais importa”¹³.